

RELIGIÃO: PATOLOGIA OU BUSCA DE SANIDADE

Rubem Alves

De uma forma ou de outra as ciências do comportamento humano parecem estar de acordo em que a religião é um fenômeno patológico. Marx e Freud foram aqueles que explicitaram tal pressuposição de forma mais direta. “Religião”, observava Marx, “é a consciência própria e a maneira de sentir-se daquele homem, ou que ainda não se encontrou, ou que, após encontrar-se, voltou a perder-se... Religião é o ópio do povo”. (1) Freud, por outro lado, partindo de problemas, teorias e técnicas que nenhuma relação direta tinham com as de Marx, chega a uma conclusão semelhante. Donde nasce a religião? Da necessidade que tem o homem de tornar sua fraqueza e desamparo suportáveis. É uma ilusão que funciona como narcótico. (2) Em resumo: parece haver uma tendência geral para classificar a religião como falsa consciência, como um tipo de alienação e como uma forma de enfermidade psicossocial e que deveria ser estudada pela ciência somente como uma expressão da patologia humana.

Quando pensadores tão diferentes concordam de modo tão uniforme, é muito difícil resistir ao peso que tal convergência teórica possui. Como Alvin W. Gouldner observa, aceita-se freqüentemente em sociologia que “se grandes homens concordaram de forma explícita ou implícita acerca de um ponto de vista qualquer, tal concordância deve ser “prima facie”, convincente. Convergência, continua ele, “transformou-se numa retórica, numa forma de persuadir os homens a aceitar certos pontos de vista”. (3)

(1) Karl MARX and Friedrich ENGELS, *On Religion* (1964), págs. 41 – 42.

(2) Sigmund FREUD, *The Future of an Illusion* (1964), págs. 25, 80.

(3) Alvin W. GOULDNER, *The Coming Crisis of Western Sociology* (1971), pág. 17.

O que não percebemos, entretanto, é que tal convergência é idêntica ao coelho que o mágico tira de sua cartola. O segredo do truque está em que, antes que o coelho fosse tirado de dentro do chapéu, ele havia sido ali colocado sem que o auditório o visse. A convergência mágica das conclusões científicas explica-se pelo fato de que partimos de pressuposições comuns. A coincidência de conclusões aparece no fim como algo inesperado e surpreendente porque já antes partimos de uma "metafísica inconsciente", que se constitui no inconsciente coletivo de nossa civilização tecnológica. É esta metafísica inconsciente (que Gouldner denomina "background assumptions") que programa, de antemão, os resultados que iremos obter. Cientistas freqüentemente pensam que suas conclusões só se irão formar no final da pesquisa, ignorando que a pesquisa mesma já de antemão seleciona e classifica aquilo que desejamos conhecer. Não encontramos mais do que procuramos. Como Merton observa, "apesar da etimologia do termo, dados não são dados, mas construídos com o inevitável auxílio de conceitos. Assim, nossos conceitos determinam de forma definitiva a inclusão ou exclusão de dados". (4)

Nas bases de nossa atitude científica estão certas pressuposições que herdamos historicamente. É esta unidade inicial que explica o milagre da convergência teórica.

Aceitamos, antes de mais nada, que conhecer é reduplicar. Ser objetivo é refletir, na consciência, os fatos sensíveis, E, neste ponto, a sociologia acadêmica ocidental em nada difere da marxista. Lembro-me de Engels afirmando que o socialismo científico nada mais é que um "reflexo, no pensamento", dos processos que ocorrem de fato. (5) Lá no fundo somos empiricistas que crêem que o pensamento é uma cópia mental do material. E se assim é, pressupomos que os juízos são verdadeiros na medida em que podem ser **verificados** por meio de uma comparação com os "dados" empíricos.

O segundo axioma decorre naturalmente do primeiro. Se conhecer é reduplicar, normal é a pessoa cuja vida mental não se desvia deste processo de reduplicação. É interessante notar que Freud definia o neurótico como aquele que pensa e age a partir de uma "excessiva valorização dos seus desejos". (6) Em outras palavras: define-se como doentio um comportamento que se baseia em valores, e como normal aquele que aceita como finais os

(4) Robert K. MERTON, *On Theoretical Sociology* (1967), pág. 108.

(5) Friedrich ENGELS, *Socialism: Utopian and Scientific* (s/d), 97.

(6) Sigmund FREUD, *Totem and Taboo* (1946), pág. 110.

processos daquilo que definimos como real. Não há como fugir. Ao ideal científico de objetividade, no campo epistemológico, corresponde um padrão de normalidade psicossocial em termos de ajustamento. Como poderia ser de outra forma ?

A terceira pressuposição de nossa metafísica inconsciente é que os processos histórico-sociais são independentes do homem. A essência da ciência marxista, observa Lukacs, está no “conhecimento da independência das forças que movem a história em relação à consciência psíquica que os homens possam ter delas.” (7) Nas palavras do próprio Marx: “aquilo que um proletário ou mesmo o proletariado todo possa diretamente imaginar é totalmente irrelevante. O que importa é o que é e o que o homem se verá obrigado a fazer como decorrência desta realidade”. (8) Quais as fontes do comportamento humano ? O que é que o explica ? Seria ele o resultado de intenções e aspirações ? De forma alguma. O conteúdo da consciência é apenas um fenômeno secundário. Trata-se de uma consequência, mas não de uma causa de processos sociais. Por isto é que a estrutura explicaria a consciência e não a consciência que explicaria a estrutura. Na sociologia acadêmica ocidental aceita-se o mesmo axioma. Nas palavras de Peter Blau, “uma vez firmemente organizada, uma organização tende a assumir uma identidade única que a torna independente das pessoas que a fundaram, bem como daquelas que a compõem.” (9) Aquilo que Althusser disse do método marxista aqui se aplica de forma idêntica. Para conhecer o mundo humano o cientista tem de colocar entre parênteses o próprio homem. O homem concreto em nada contribui para o conhecimento e a explicação sociológica das instituições nas quais ele funciona. “O anti-humanismo teórico de Marx” é “as condições de possibilidade do conhecimento do próprio mundo humano...” (10).

Não é esta uma pressuposição exclusiva das ciências sociais. O behaviorismo psicológico, sob a influência de B. F. Skinner, chega a uma conclusão idêntica. Repete-se o fenômeno da convergência. O comportamento humano, segundo esta teoria, deve ser compreendido como simples resposta a determinados estímulos que lhe vêm do exterior. O que o homem faz e pensa é “re-ação” a um excitante que o atinge. Note-se que este complexo de estímulos desempenha, para o behaviorismo, a mesma função que as estruturas, para as ciências sociais. Em última análise, ambos concordam em que o homem não é

(7) Georg LUKACS, *História y Consciencia de Clase* (1969), pág. 50.

(8) *Ibid.*, pág. 49.

(9) Alvin W. GOULDNER, *op. cit.*, pág. 51.

(10) Louis ALTHUSSER, *Análise Crítica da Teoria Marxista* (1967), pág. 202.

um fator. Ele não produz a história. Sua ação não decorre de liberdade, mas antes dos determinismos materiais em que ele se encontra inexoravelmente preso. O título do último livro de Skinner (+) é muito sugestivo: **Beyond Freedom and Dignity** — Para além da Liberdade e da Dignidade. (11) Segundo ele, estes conceitos em nada contribuem para a compreensão do comportamento humano, pois criam a ilusão de que o homem age movido por sua liberdade e dignidade, quando na realidade ele apenas responde aos estímulos do seu meio-ambiente.

O último elemento que desejo destacar já está implícito no anterior. Imaginação não faz história. A luta de Freud contra o neurótico é idêntica ao ataque marxista contra os socialistas utópicos. Tanto o neurótico quanto o utópico não aceitaram o veredicto da realidade. Eles pensam e se comportam como se seus valores e aspirações fossem capazes de alterar o inevitável curso da realidade objetiva. Pensam que a imaginação é capaz de criar condições novas. Mas como a imaginação é uma recusa da consciência em simplesmente reduplicar os dados objetivos, e implica uma transfiguração mágica (Sartre) dos mesmos, ela é abandonada como falsa consciência e como expressão da patologia humana.

Como regra geral, podemos dizer dos métodos de investigação e pesquisa que só encontramos aquilo que procuramos. Ora, se a metafísica inconsciente que subjaz à nossa mentalidade científica pressupõe que imaginação é patologia, e que o comportamento humano é explicado apenas como função de estruturas, não há então como fugir à conclusão: a religião, antes de toda e qualquer investigação já é definida, a priori, como falsa consciência e como enfermidade.

Por que é a religião senão uma forma de imaginação? Não sei o que seria mais certo dizer: se a religião é uma forma da imaginação, ou que a imaginação tem sempre um valor religioso para o homem. Talvez que as duas afirmações sejam equivalentes. Uma coisa, entretanto, é evidente. A religião não tem uma intenção objetiva. Não pretende descrever os dados da experiência. Como observou Feuerbach, "a religião é um sonho da mente humana. (Através dela) vemos as coisas reais transfiguradas pelo fascínio do esplendor da imaginação..." (12). Assim, de acordo com a lógica da mentalidade científica, a religião tem de ser classificada na esfera da patologia.

(+) Este artigo data de 1972 (Nota do Editor).

(11) B. F. SKINNER, **Beyond Freedom and Dignity** (1971).

(12) Ludwig FEUERBACH, **The Essence of Christianity** (1957).

Os próprios profissionais da religião sucumbiram sob o peso das pressuposições da ciência. Que foi o esforço para demitologizar o evangelho, iniciado por Bultmann, senão uma capitulação às evidências científicas do nosso mundo, sem se dar conta de que elas mesmas se assentavam sobre uma mitologia inconsciente acerca da estrutura da realidade? E o que dizer da teologia da secularização? Ao lado de um grande número de intuições criadoras, não pressupôs ela haver chegado ao fim a era da religião? Não aceitou ela a proclamação da morte da imaginação, implícita na metodologia científica dominante?

A função mais importante de uma teoria científica é prever. Quando elaboramos uma teoria estamos realmente levantando uma hipótese acerca do comportamento futuro do objeto que estudamos. A sua capacidade para prever corretamente é, em última instância, o critério final de sua validade. Se as previsões não se cumprem é porque a teoria estava equivocada.

Ora, o que a metafísica inconsciente de nossa época previa é que, mais cedo ou mais tarde, o pensamento objetivo, científico, haveria de suplantar a imaginação.

Entretanto, tal não se deu. Ao contrário. Talvez que um dos fenômenos mais curiosos e surpreendentes dos últimos anos seja a explosão inesperada de uma preocupação religiosa que ora presenciamos. Nos Estados Unidos da América, justamente onde a urbanização e a tecnologização sugeriam uma crescente secularização, subitamente eclode uma busca de experiências místicas nas mais variadas formas. A preocupação com a formação de novos tipos de comunidade e com a criação de estilos de vida diferente, a rebelião contra os padrões de produção e consumo, a rejeição do pensamento teórico como forma de alienação, a busca de uma unidade perdida com a natureza, o esforço para redescobrir as dimensões de espaço e tempo internas à consciência, sufocados pelo pragmatismo, tudo isto, que difusamente constitui aquilo a que se denomina contracultura, é essencialmente um novo fenômeno religioso.

Como explicar que isto ocorra justamente agora? O que mais intriga, é que não estejam os religiosos tradicionais entrando por este caminho. Não se trata de uma roupagem nova para uma religião velha. Os novos místicos são justamente aqueles que se secularizaram durante os dez últimos anos, estudantes e professores, pessoas que foram "conscientizadas" e "politizadas". Como explicar esta "regressão"? Quais os motivos que levaram aqueles que contemplaram a "luz da verdade científica" a voltar para os "subterrâneos do obscurantismo religioso"?

Talvez que encontraremos algumas pistas para a nossa pergunta, se nos lembrarmos de que esta foi uma geração criada pelos deuses. Ela nasceu num mundo iluminado por certeza transcendente e por valores absolutos. Seu mundo era um verdadeiro cosmos, inspirado pela visão da Jerusalém Celestial — a ordem social perfeita de amor e justiça. Mas os seus deuses morreram. Ou melhor: foram trocados por heróis. A política tomou o lugar da religião. Creu-se que a política seria o instrumento para o cumprimento das esperanças contidas na visão religiosas. Mas os heróis também morreram. Esta geração descobriu-se, repentinamente, impotente para levar a cabo aquilo a que se propunha. O cosmos foi invadido pelo caos. Que fazer ? Bater em retirada. Sem os seus deuses, sem os seus heróis, ainda lhe restavam, todavia os valores domésticos. O marido, a esposa, os filhos, a profissão, o jardim, a música, o “camping”. Talvez que a nova tendência de se construir muros altos à frente das casas seja uma expressão inconsciente deste desejo de prever um espaço, ainda que exíguo, que ainda esteja sob o nosso controle. As pessoas voltaram-se para o primitivo e o simples, aquelas esferas nas quais elas ainda se julgavam senhoras delas mesmas. Disseram-se que, após o fracasso da revolução estudantil de 1968 na França, houve um acentuado acréscimo nas vocações relacionadas com a agronomia. Isto é muito significativo. Pelo menos ali o homem pode ter uma certeza razoável de que plantando uvas não colherá espinhos. É mais fácil ter um mundo pequeno sob controle, que um mundo grande que não podemos compreender nem moldar. Mas esta retirada também estava — ou está — destinada ao fracasso. Como preservar um cosmos pessoal na megalópole que já se transforma em ecumenópole ? Além disto, o Movimento de Libertação feminina veio sacudir de forma violenta o mundo frágil que os homens tentavam proteger. O que ocorre ? Caos absoluto. Anomia quase que metafísica. O camponês que se desestrutura ao se mudar para a grande cidade pode sempre tentar voltar para a aldeia de onde veio. Mas para esta geração o problema deixou de ser espacial. Ele não se resolve com uma viagem. Seu cosmos já não mais existe. Sua anomia não deriva do espaço, mas do tempo. Não há mais para onde retornar. Assim, aqueles que um dia foram gerados pelos deuses e os mataram, descobrem de repente que sua sobrevivência depende de sua capacidade para gerar seus próprios deuses. Mesmo Nietzsche, que anunciou a morte de Deus, percebeu que um universo em que Deus morreu é um universo frio em que o sol se apagou.

Voltemos à nossa pergunta:

Tratar-se-á de uma nova forma de alienação ? Poderemos simplesmente repetir o diagnóstico freudiano e receitar uma atitude de resignação estóica, como ele o fez ?

Mas isto não responde à questão. Continuamos a ter diante de nós este enigma: Qual a razão por que os homens trocam o "real" pelo "imaginário" ?

Uma das grandes contribuições da psicanálise foi demonstrar que os sonhos têm um sentido. Seu absurdo aparente é uma forma de dizer uma verdade. O problema está em que o seu sentido é oculto. Seus símbolos não podem ser interpretados segundo as regras da relação sujeito-objeto. Sua relação para com sua significação não é direta. Podemos verificar uma afirmação da nossa linguagem consciente comparando o signo verbal com o conteúdo sensório ao qual ele se refere. Mas tal regra não pode ser usada para decifrar a significação dos sonhos. De acordo com a sua lógica específica, árvores não são árvores, água não é água, serpentes não são serpentes. São símbolos que expressam realidades inconscientes.

Mas não é a religião um sonho de grupos humanos inteiros ? Se isto é verdade, então estamos profundamente equivocados quando classificamos como falsa consciência ou como enfermidade. O fato é que a ciência, muito embora reconheça no nível consciente a realidade do inconsciente, ainda não o incorporou em suas maneiras de investigar a realidade. É irônico que a era que descobriu o inconsciente seja mais inconsciente dele que qualquer outra.

O mundo em que o homem vive, como ser concreto, não é o mundo descrito pela abstração científica. Consciência é relação. Relação tem a ver com os problemas vitais com que as pessoas se defrontam diariamente. E porque a cada momento a vida está em jogo, o homem experimenta o mundo primordial e fundamentalmente como emoção. O mundo nunca é um objeto que ele contempla com uma atitude desinteressada. Ele convida e ameaça, causa alegria e medo. E é esta experiência imediata, emocional, anterior mesmo a qualquer reflexão sistemática, na maioria das vezes não verbalizada e não verbalizável, que determina a nossa maneira de ser no mundo. Símbolos são os instrumentos pelos quais a consciência representa para si mesma esta vivência inconsciente, que, por ser basicamente relacional, não pode ser expressada através de uma linguagem estruturada em torno da lógica de sujeito-objeto. A hermenêutica dos símbolos religiosos nos abre assim a possibilidade de contemplar o mundo real em que a vida está ocorrendo.

Se não nos esquecermos de que os místicos de hoje foram os "conscientizados" e os "politizados" de ontem, teremos uma pista para compreender a significação dos seus símbolos. Quais as opções que lhes

restavam ? Poderiam adaptar-se, renunciar a seus valores, tornar-se objetivos e rigorosos no seu desinteresse, podendo mesmo vir a se tornar respeitáveis sociólogos, psicólogos, economistas ou homens de negócio. Poderiam, por outro lado, tentar preservar seus valores. Mas como fazer isto, se não há para eles um espaço real disponível no mundo ? Somente na medida em que forem capazes de preservá-los num espaço interior à sua imaginação, num mundo utópico que só existe pelo poder do seu amor. Porque, como sabemos, o homem é capaz de amar o ausente. Ou aquilo que já morreu. Ou aquilo que ainda não nasceu. Absurdo ? Pode ser. Do ponto de vista da consciência, entretanto, o absurdo dos valores religiosos não é menor que o absurdo do mundo que torna impossível sua existência real. Assim, a eliminação do absurdo real criaria as condições para a não necessidade do absurdo imaginário. A esperança religiosa de um novo céu se resolveria com o advento de uma nova terra.

Não há nenhuma heresia nisto. Até mesmo a Bíblia concorda. No Paraíso e na Nova Jerusalém não há templos. Marx percebeu este fato claramente ao afirmar que a religião desapareceria com o advento de uma sociedade justa. Ele não podia esconder o inconsciente hebraico-cristão que o formou. Entretanto, o que separa os dois, a Bíblia e Marx, é que a Bíblia não vê, dentro dos limites, nenhuma possibilidade de um evento pelo qual o homem se redimiria a si mesmo. É isto que a igreja cristã, talvez de forma inconsciente, preservou através do símbolo do pecado original. Marx não pode resistir ao fascínio de uma visão utópica (no sentido preciso que o Marxismo dá a esta palavra), enquanto que para a Bíblia a esperança da Nova Jerusalém permanece como um horizonte. Do seu princípio até o seu fim a história é uma sucessão de sintomas de uma enfermidade incurável.

Por isto a religião permanecerá até o fim. Como esperança e como protesto, como símbolo que informa o homem da incompletude permanente e definitiva de sua própria condição, como consciência de que a sociedade ainda não chegou e nunca chegará. Durkheim, em última análise, está certo. Ele vê na religião não um fator acidental e transitório, mas como algo permanente na sociedade humana. Enquanto existir a sociedade, a religião também existirá. "Uma sociedade", diz ele, "não pode nem criar-se nem se recriar sem, ao mesmo tempo, criar um ideal". E um ideal — que nunca é um fato, mas uma construção da imaginação — tem sempre uma função e uma significação religiosas. Esta é a razão, ele conclui, porque "há algo de eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares com que

o pensamento religioso sucessivamente se vestiu. "A religião", assim, "parece destinada a se transformar antes que a desaparecer." (13)

*

Parece-me que a persistência do fato religioso, contrária a todas as previsões teóricas, implica uma crítica radical à metafísica inconsciente que rege o pensamento científico. Porque enquanto a ciência, com sua dedicação confessada ao ideal do objetivismo, e à conseqüente identificação de normalidade psíquica com ajustamento, pressupõe, a priori, que o real é verdade, a religião, das profundezas da sabedoria inconsciente da própria vida, conclui que o absurdo não são os seus valores utópicos, mas a própria situação humana donde eles emergem. Assim, parece-me que a religião, mesmo nas suas formas mais "alienadas", contém uma crítica do real que a ciência, prisioneira de sua metafísica, não tem condições para transcender. Até agora a ciência tem realizado uma tarefa muito salutar de demitologizar a religião. Não haverá a possibilidade inversa, de que a religião abra caminhos para a demitologização da ciência ?

(13) Emile DURKHEIM, *The Elementary Forms of the Religious Life* (1969), págs. 470, 474, 478.